

## **CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO DE ESTUDOS SOBRE GÊNERO E PESCA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES DA Z3**

Luceni Hellebrandt<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste texto apresento contribuições ao campo de estudos sobre Gênero e Pesca a partir de experiências protagonizadas por mulheres da Colônia de Pescadores Z3 (Pelotas / RS). Suas atuações no cotidiano da comunidade promovem a identificação enquanto membros de uma comunidade pesqueira através das atividades que executam, tanto na cadeia produtiva da pesca, como no âmbito doméstico que ampara a pesca. Destas experiências, reflito sobre a atuação das mulheres na oferta de gastronomia na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que levou a um ressignificado desta festividade. Também reflito sobre a luta e resistência para estabelecer a Cooperativa Mulheres da Lagoa (2011 - 2015), formada somente por mulheres, para administrar uma fábrica de gelo na comunidade. Estas experiências, baseadas num aprendizado que se deu pela convivência, reafirmam nestas mulheres a pertença a uma comunidade de pesca, mas encontra barreiras no Estado que estabelece por direito quem pertence à pesca e que confere políticas públicas baseadas em um modelo de gestão antiquado e de visão unicamente produtivista em relação ao recurso pesqueiro.

**Palavras-chave:** Gênero e pesca. Mulheres na pesca. Políticas publicas para a pesca artesanal.

A proposta da discussão que apresento neste texto parte do questionamento que o Estado coloca ao classificar em categorias relativas à pesca artesanal quem pode ser beneficiário de políticas públicas previdenciárias, excluindo ao acesso quem não é reconhecido como tal nas formas da Lei. Para isto, me oriento no conceito de pertença, trabalhado por Koury (2001; 2010) e analiso o cotidiano de mulheres de uma comunidade pesqueira localizada em Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil.

Assim, na primeira parte do texto discuto as categorias “pescador profissional” e “atividade de apoio à pesca”, utilizadas no Registro Geral da Atividade Pesqueira (RGP) e suas implicações para as mulheres na pesca. Na segunda parte do texto, contesto as categorias do RGP, tendo como base o conceito de pertença, ao oferecer elementos que demonstram que a atuação das mulheres nas comunidades pesqueiras é bem mais complexa que as categorias classificatórias do RGP. Categorias que definem - e, por consequência, excluem - acesso aos direitos.

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, Brasil. Projeto Mulheres na pesca: Mapa de conflitos socioambientais em municípios do norte fluminense e da baixada litorânea (Fapur/Funbio/Uenf).

### ***Definições, limitações, exclusões***

De acordo com a legislação vigente no Brasil, classifica-se como pescador profissional “a pessoa física, brasileira ou estrangeira residente no País que, licenciada pelo órgão público competente, exerce a pesca com fins comerciais, atendidos os critérios estabelecidos em legislação específica.” Sendo pesca “toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros” (Brasil, 2009, art. 2).

Acontece que parte das mulheres de comunidades pesqueiras exercem outras atividades ao longo da cadeia produtiva que não são especificamente a pesca conforme definida na Lei citada. Diversos estudos<sup>2</sup> já apontaram que existe uma predominância de mulheres nas atividades desenvolvidas em beira de praia ou terra, próximo ao ambiente doméstico, enquanto os homens - socialmente desobrigados dos cuidados atrelados ao lar - estão mais presentes nas atividades de captura, no mar. Na região de estudo que este texto aborda, Kalikoski; Vasconcellos (2012) identificaram que a maior participação de mulheres se dá nas etapas de pré e pós captura. Estas atividades são reconhecidas legalmente na definição de atividade pesqueira artesanal:

Parágrafo único. Consideram-se atividade pesqueira artesanal, para os efeitos desta Lei, os trabalhos de confecção e de reparos de artes e petrechos de pesca, os reparos realizados em embarcações de pequeno porte e o processamento do produto da pesca artesanal. (BRASIL, 2009, art. 4)

Porém, quando se analisa a política de seguro desemprego ao pescador artesanal - o seguro defeso - há uma distinção que classifica como pessoa apta a receber o benefício somente quem está legalmente categorizado como pescador profissional. Ou seja, aquele que exerce a pesca. A política exclui as demais ocupações da atividade pesqueira, categorizadas como “atividades de apoio à pesca”, ao definir, no parágrafo 6º que “[a] concessão do benefício não será extensível às atividades de apoio à pesca nem aos familiares do pescador profissional que não satisfaçam os requisitos e as condições estabelecidos nesta Lei.” (Incluído dada pela Lei no 13.134, de 2015) (Brasil, 2003, art. 1).

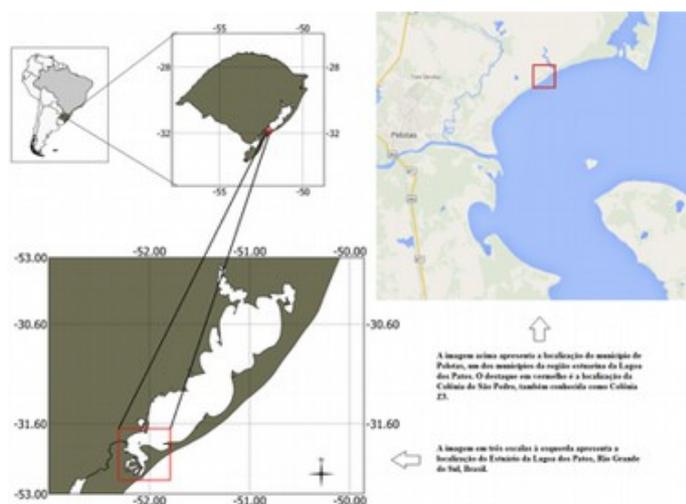
O que esta classificação legal deixa passar é a co-dependência de todas as atividades da cadeia produtiva da pesca e a importância delas para a reprodução social e cultural da comunidade pesqueira. Tampouco tem uma visão ampla sobre a questão econômica para as pessoas dependentes do recurso pesqueiro pois, se quem pesca está em período de defeso, isso implica que tampouco há pescado para ser processado e comercializado, de forma que outras atividades econômicas - além da captura - ficam suspensas.

<sup>2</sup> Ver como exemplo Alencar, 1993; Maneschy; Siqueira; Alvarez, 2012; Leitão, 2013, entre outros.

Pensando de acordo com o antropólogo Mauro Guilherme Pinheiro Koury, o sentido de pertencer é “fazer parte do local onde se quer elaborar, construir, planejar, modificar ou gerir uma ação ou um produto cultural específico.” (Koury, 2001, p. 131). A partir deste entendimento apresento algumas experiências registradas junto às mulheres da Colônia Z3, comunidade pesqueira artesanal situada às margens da Lagoa dos Patos, no município de Pelotas, Rio Grande do Sul - extremo sul do Brasil (Figuras 1, 2 e 3).

Neste registro destaco que na Colônia Z3 a pertença se concretiza de diferentes formas. Descrevo dois exemplos: Inicialmente apresento a cultura em torno da pesca artesanal em processo de “ressignificação” de uma festividade religiosa por meio do atrativo gastronômico. No segundo exemplo destaco a “resistência” de um grupo de mulheres em torno de uma experiência cooperada para fazer funcionar uma fábrica de gelo com vistas a atender a demanda local e gerar renda às famílias destas mulheres.

Figura 1– Localização do Estuário da Lagoa dos Patos; Localização da Colônia Z3.



Fonte: Adaptado de Walter et al. (2014) e Google Maps (2014)

Figura 2 – Colônia Z3, às margens da Lagoa dos Patos.



Fonte: Ferreira (2010)

Figura 3 – Pórtico de entrada da Colônia Z3.



Fonte: Acervo pessoal (2011)

### ***Ressignificando uma festa religiosa através da gastronomia***

Como acontece em diversas cidades litorâneas do Brasil, no dia 2 de fevereiro é comemorado na Colônia Z3 a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. A festa acontece no município de Pelotas desde o ano de 1932, mas somente na 31ª edição, em 1963, que algumas atividades passaram a acontecer na Colônia Z3, migrando definitivamente para a comunidade pesqueira no ano de 1970 (Farinha, 2012). Além da devoção à entidade católica, a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes marca a abertura da safra do camarão, espécie de maior valor econômico capturada por pescadores da região.

Desde que começou a ter atividades na Colônia Z3, um atrativo turístico da Festa esteve relacionado à gastronomia a base de pescados. Farinha (2012) destaca que a mídia local já enfatizava a oferta do “almoço beneficente”, cujo prato principal é a tainha assada. Aqui se estabelece uma relação de gênero instigante: as tainhas assadas do almoço beneficente servido na praça de alimentação do festival são preparadas em uma grande churrasqueira, sob o comando de homens da comunidade (Figura 4). Já todas as outras comidas da festa (acompanhamentos à tainha assada, como arroz e salada de batata com peixe e também pastéis, risoles e outros salgados de siri, camarão ou outros pescados) são preparados e comercializados por mulheres da comunidade, que comandam as barracas de alimentação montadas na praça ao lado da igreja Santuário de Nossa Senhora dos Navegantes (Figura 5).

Figura 4 – Churrasqueira da Festa



Fonte: Acervo pessoal (2017)

Figura 5 – Banca na praça de alimentação



Fonte: Acervo pessoal (2014)

O atrativo gastronômico é responsável por tornar o festival de caráter religioso em algo que extrapola o turismo religioso. Segundo Figueira (2009) há uma interação e também uma distinção

nítidas entre dois grupos que participam da Festa - os moradores da comunidade e os turistas. Estes dois grupos se distinguem no tempo e no espaço, como destaca o autor:

[...] é importante citar que durante este evento o público se divide em duas etapas. No ambiente físico-estrutural do mesmo, pela manhã e tarde, circulam turistas, mas a partir do momento em que inicia, bem quando termina a procissão lacustre dos barcos, através da Lagoa dos Patos, o público predominante do evento é basicamente composto por moradores da Colônia de Pescadores Z3. (FIGUEIRA, 2009, p. 105)

Esta é uma interação que possibilita a convivência entre tradição cultural e ritualística da festividade, com os interesses de mercado e promoção turística da comunidade. Vale destacar que no ano de 2014, segundo os jornais locais noticiaram, pelo menos 6 mil pessoas participaram da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, número que dobra a quantidade de moradores da comunidade (Hellebrandt, 2017). De acordo com IBGE (2010) no último censo, a população da Colônia Z3 era de 3.166 moradores.

A forma como a gastronomia ressignifica a festividade religiosa foi analisada por Siri Gerrard em comunidades pesqueiras norueguesas e pode ser utilizada também para analisar o caso da Colônia Z3:

Os festivais [...] não são somente expressões da construção e reconstrução de gênero e relações de gênero, eles são também expressões da interação entre as identidades das pessoas locais em relação ao mundo de fora. Eles refletem o significado do peixe como uma base para a identidade, mas também como uma meta e um meio para uma vida boa. Desta forma, os festivais tem um aspecto político. [...] Pesca e atividade pesqueira continuam a colocar juntas novas e velhas atividades e mostram como o pertencimento local é criado e recriado quando velhos hábitos alimentares se tornam símbolos e conhecimento local e identidades locais. O fato da comida de todo dia como “mølje” e “boknafisk” ser transformada em comida de festa trauma mudança nos valores das habilidades de mulheres e homens. (GERRARD, 2000, p. 306 - tradução minha)

Assim, esta ressignificação da festa que aponta os valores da comunidade e os identifica ao mundo de fora - dos turistas - é feita através da gastronomia, desenvolvida quase que totalmente pelas mulheres da Z3.

### ***Resistência cooperada***

“Um dia a [nome suprimido] nos chamou e disse ‘gurias, quem sabe nós pegar a cooperativa de gelo?’ [N]o pátio o capim era bem alto e as gurias disseram assim ‘vamo? Vamo!’ Viemos e limpemos tudo, fizemos a máquina funcionar”.

Este é um trecho do relato de uma das integrantes da Cooperativa Mulheres da Lagoa, durante entrevista que realizei em maio de 2014. Descreve a iniciativa de um grupo de aproximadamente 30 mulheres em utilizar um prédio desativado na Colônia Z3 (Figura 6).

Figura 6 – Prédio da fabrica de gelo



Fonte: Acervo pessoal (2011)

O prédio da fábrica de gelo havia sido inaugurado no ano de 2005 com a instalação da “Lagoa Viva”, um investimento de políticas públicas federais e estaduais que destinou à comunidade uma planta de processamento de pescados, uma fábrica de gelo e automóveis. Porém, em 2010 a Lagoa Viva encerrou suas atividades, algumas das razões citadas foram as divergências políticas e a pouca experiência burocrática de pessoas cujo modo de vida é baseado na atividade pesqueira, restando uma dívida em torno de 1 milhão de Reais (Hellebrandt, 2017, p. 104).

Foi neste contexto que no ano de 2011 um grupo de 30 mulheres se mobilizou para utilizar o prédio e reativar a fábrica de gelo, formando a Cooperativa Mulheres da Lagoa. Além da fabricação e comercialização de gelo, a cooperativa funcionou como espaço de trabalho para o beneficiamento de pescados, expressando nestas duas atividades a proposta econômica de beneficiar a comunidade como um todo.

Neste sentido apresentou duas contribuições: vender o gelo localmente e mais barato para o pescador e empregar mulheres da comunidade gerando renda para sustento familiar, como expresso nos trechos de relatos das entrevistadas:

“[N]ós assim ó, nós aqui nós trabalhamos é pro pescador, não para atravessador. Se o pescador chegar aqui e tiver 15 caixas de gelo e o atravessador quiser por 5 reais<sup>3</sup>, nós vamos vender é pro pescador, porque o atravessador ganha dinheiro é na conta do pescador.”

<sup>3</sup> Na época desta entrevista, em 2014, as cooperadas informaram que vendiam a caixa com 20 kg de gelo a R\$ 2,50 para pescador e R\$ 3,00 para atravessador.

“[E]mprega 30 mulheres e não são 30 mulheres, são 30 famílias que cada mulher tem 4, 5 filhos e umas não tem nem marido e outras o marido pesca [...]. A gente tava fazendo uns 300, 400 reais por semana, todo sábado tu sabia que tinha aquele dinheiro lá.”

Além da importância econômica, no trecho abaixo a entrevistada destaca ainda outro importante efeito da cooperativa em sua vida:

“[P]ra te falar a verdade sempre trabalhei, sempre. Aí eu tinha dado uma parada [...] eu tava estacionada mesmo, só em casa e quando dava camarão eu limpava. Aí as gurias convidaram. Pra mim foi bom sabe, porque a gente assim, conversa todo o dia e é diferente. E nós sem assim, como eu tava conversando eu e as gurias, nós sem assim, como se nós fosse da família, entende? A gente se abre muito uma com as outras, confiando.”

Assim, a iniciativa de reativar a fábrica de gelo em 2011 passou a ser a Cooperativa Mulheres da Lagoa, regularizada e com CNPJ no ano de 2013. Porém, no ano de 2015 as atividades foram novamente interrompidas, por conta das dificuldades de manutenção do prédio e subsequentes safras frustradas de camarão, acarretando em dívidas crescentes (Hellebrandt; Walter; Anello, 2015).

No ano de 2016 voltei a contatar a presidente da cooperativa e esta informou que tinham algumas reuniões agendada com uma Universidade local. Tentariam buscar soluções para reativar a Cooperativa Mulheres da Lagoa, apesar de não expressar muita confiança no futuro da cooperativa.

### ***Discussão***

Estes exemplos sobre as mulheres da Z3 destacam como suas atividades são fundamentais ao cotidiano da comunidade pesqueira. São mulheres que, quando questionadas a respeito do envolvimento com a atividade pesqueira não respondem com uma data específica. Ao contrário, pois nasceram em meio ao universo pesqueiro. Aprenderam na “convivência” termo utilizado por uma das minhas interlocutoras.

Convivência reflete no seu âmago o sentimento de identificação e pertencimento à comunidade pesqueira. É a expressão da trajetória iniciada aos 6, 7 anos de idade da criança que “ajuda” na “função de pesca”, que “vive na praia” e também “limpando peixe em casa”, ou mais cedo ainda, quando são criadas no bote e viajam junto com as mães, até chegar na idade escolar. O aprendizado na convivência, pelo simples fato elucidado novamente pelas palavras da interlocutora: “aqui a gente só vive do peixe”.

Na convivência, o saber não sabido de Michel de Certeau (2004) se desenvolve. O corpo aprende através da experiência pessoal destas mulheres. A convivência inscreve aos corpos políticos das mulheres da Z3 uma noção de identidade atrelada ao modo de vida. Ela dialoga com a confiança, elemento que, segundo Koury (2010), é importante para a definição de pertença ao grupo:

Confiança, então, é uma atitude que permite àqueles que a possuem, ou põem em prática, uma espécie de segurança íntima de procedimento: o outro passa a ser visto como uma extensão ou prolongamento do eu. É um lugar de familiaridade, onde os laços afetivos são intensos, onde a crença no valor do grupo parece sobressair ou sobrepor-se aos diversos membros que dele fazem parte, ao mesmo tempo que assegura um espaço de diferenciação de cada membro em relação à sociedade em geral. no processo de integração no coletivo, o indivíduo que se sente pertencendo ao grupo sente-se, também, como que encontrando a sua face no social. Ele se torna membro de um grupo e, nessa transubstanciação, parece adquirir um sentido de individualidade pessoal, tornando-se sujeito de fala e de ação frente aos demais. (KOURY, 2010, p. 31 - 32)

Neste processo, há uma certeza indubitável e, portanto, nem questionada, por elas quanto ao seu envolvimento com a pesca e pertencimento à comunidade. O questionamento vem sempre pelo lado do Estado, que contesta esta certeza e perpetua uma perspectiva que contribui e corrobora com a “síndrome ‘mulheres não pescam’” (Williams, 2010, p. 73), na qual a gestão percebe apenas os homens como agentes produtivos..

### **Conclusão**

O foco das políticas públicas previdenciárias direcionadas à pesca artesanal, quando utiliza o conceito de pescador profissional artesanal, implica em consequências de invisibilidade para as mulheres que participam de outras atividades na cadeia produtiva da pesca. Dentre essas consequências, destaco o alijamento de direitos, do reconhecimento de suas atividades produtivas e a negação de sua importância na manutenção de comunidades cujo modo de vida é a atividade pesqueira artesanal.

Ainda, o que este texto demonstra é a distância entre o Estado e a comunidade pesqueira. Distância explicitada pela dureza delimitadora das Leis que não conseguem englobar a complexidade cultural dada no cotidiano das pessoas cujo modo de vida é a atividade pesqueira artesanal.

## Referências

ALENCAR, Edna F. Gênero e trabalho nas sociedades pesqueiras. In: Furtado, Lourdes Gonçalves; Leitão, Wilma; Fiuza de Melo, Alex (Org.). *Povos das águas: realidades e perspectivas na Amazônia*. Belém: MPEG, 1993. p. 63-81

BRASIL. *Lei nº 10.779, de 25 de Novembro de 2003*. Dispõe sobre a concessão do benefício de seguro desemprego, durante o período de defeso, ao pescador profissional que exerce a atividade pesqueira de forma artesanal.

\_\_\_\_\_. *Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009*. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei nº 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. *Decreto nº 8.425, de 31 de Março de 2015*. Regulamenta o parágrafo único do art. 24 e o art. 25 da Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009, para dispor sobre os critérios para inscrição no Registro Geral da Atividade Pesqueira e para a concessão de autorização, permissão ou licença para o exercício da atividade pesqueira.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 10. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 351p.

FARINHA, Alessandra Buriol. *Senhora das águas: memórias da antiga Procissão de Navegantes do Porto de Pelotas – RS*. 2012. 148 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas. UFPEL, Pelotas.

FERREIRA, Solano. *A pesca da tainha da Lagoa dos Patos: um relato fotoetnográfico*. 2010. 101 f. Trabalho de conclusão de curso (Comunicação Social) - Universidade Católica de Pelotas – UCPel, Pelotas.

FIGUEIRA, Michel Constantino. *Colônia de Pescadores Z3, Pelotas – RS: da crise na pesca à expansão do turismo com base no patrimônio cultural*. 2009. 157 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, Pelotas.

GERRARD, Siri. The Gender dimension of local festivals: the fishery crisis and women's and men's political action in North Norwegian communities. *Women's Studies International Forum*. Vol. 23, No. 3, pp. 299–309, 2000.

HELLEBRANDT, Luceni. *Mulheres da Z3 – o camarão que “come” as mãos e outras lutas: contribuições para o campo de estudos sobre gênero e pesca*. 2017. 173 f. Tese (Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis.

HELLEBRANDT, Luceni; WALTER, Tatiana; ANELLO, Lucia *As mulheres da cadeia produtiva da pesca artesanal no Estuário da Lagoa dos Patos - RS*. Relatório de Pesquisa do projeto Análise das cadeias produtivas do pescado oriundo da pesca artesanal e/ou da aquicultura familiar no Estado do Rio Grande do Sul, 2015 (não publicado).

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Populacional*. 2010.

KALIKOSKI, Daniela; VASCONCELLOS, Marcelo. Estudo das condições técnicas, econômicas e ambientais da pesca de pequena escala no estuário da Lagoa dos Patos, Brasil: uma metodologia de avaliação. *FAO Fisheries and Aquaculture Circular*. No. 1075. Rome, FAO, 2012.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Enraizamento, pertença e ação cultural. *Cronos*, Natal – RN, v. 2, n. 1, p. 131 – 137, jan./jun. 2001.

\_\_\_\_\_. Identidade e pertença: disposições morais e disciplinares em um grupo de jovens. *Etnográfica*. [Online], vol. 14 (1), 2010.

LEITÃO, Maria do Rosário de Fátima Andrade. Gênero, Pesca e Cidadania. *Amazônica*. Rev. Antropologia. (Online) 5 (1): 98-115, 2013

MANESCHY, Maria Cristina; SIQUEIRA, Deis; ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. *Estudos Feministas*. Florianópolis, 20(3): 384, setembro-dezembro, 2012.

WALTER, Tatiana, et al. Relatório Técnico. *Mecanismos de Proteção Social Frente as Mudanças Climáticas: uma análise sobre os pescadores artesanais da Lagoa dos Patos/RS*. Rio Grande: FURG, 2014.

WILLIAMS, Meryl J.. Gender Dimensions in Fisheries Management. In: GRAFTON, Quentin et al. (Eds.) *Handbook of Marine Fisheries Conservation and Management*. Oxford, 2010. pp. 72 - 86.

### **Contributions from Women of Z3 experiences to the Gender and Fisheries field of study**

**Abstract:** In this text I present contributions to the field of studies on Gender and Fisheries from experiences carried out by women from the Z3 Fisheries Colony (Pelotas / RS). Their activities in the daily life of the community promote identification as members of a fishing community through the activities they carry out, both in the fishing productive chain and in the domestic sphere that supports fishing. From these experiences, I reflect on the role of women in the gastronomy offer at the Feast of Nossa Senhora dos Navegantes (Our Lady of the Navigators), which led to a re-signification of this festivity. I also reflect on the struggle and resistance to establish the Cooperativa Mulheres da Lagoa (Women's Lagoon Cooperative) (2011-2015), which is carried only by women, to run an ice factory in the community. These experiences, based on a lived-in learning, reaffirm in these women the belonging to a fishing community, but find barriers in the State that establishes by right who owns the fishery and that confers public policies based on an old-fashioned management model with a productivist view regarding the fishing resource.

**Keywords:** Gender and fisheries. Women in fishing. Public policies for artisanal fisheries.